


O DESENVOLVIMENTO DE LINGUAGENS NA INFÂNCIA CONSIDERANDO A TEORIA DAS INTELIGÊNCIAS MÚLTIPLAS

LANGUAGE DEVELOPMENT IN CHILDHOOD CONSIDERING THE THEORY OF MULTIPLE INTELLIGENCES

 <https://doi.org/10.63330/armv1n1-005>

Submetido em: 28/03/2025 e Publicado em: 31/03/2025

Ana Paula de Souza e Silva Simões

Doutoranda em Educação - Cefet-MG

ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-1303-5580>

Miria Katia dos Santos Saraiva

Mestranda em Educação - Facultad Interamericana de Ciencias Sociales

ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-0121-186X>

RESUMO

Este artigo aborda o desenvolvimento de linguagens na infância, considerando a teoria das inteligências múltiplas de Howard Gardner e a abordagem de Daniel Goleman sobre inteligência emocional. A metodologia empregada é a revisão bibliográfica qualitativa, que examina estudos e obras relevantes para compreender a interação entre as diversas formas de linguagem e as inteligências múltiplas na infância. A teoria de Gardner propõe que as crianças possuem diferentes tipos de inteligência, incluindo linguística, lógico-matemática, espacial, musical, corporal-cinestésica, interpessoal, intrapessoal e naturalista. Por sua vez, Goleman destaca a importância da inteligência emocional no desenvolvimento global das crianças, enfatizando habilidades como autoconhecimento, autorregulação, empatia e habilidades sociais. A revisão bibliográfica revela a relevância de promover um ambiente educacional que estimule todas as formas de linguagem, reconhecendo e valorizando as diferentes inteligências das crianças. Conclui-se que uma abordagem holística e integrada ao desenvolvimento de linguagens na infância pode promover um aprendizado mais significativo e uma maior realização pessoal e social.

Palavras-chave: Desenvolvimento de linguagens; Inteligências múltiplas; Inteligência emocional; Infância.

ABSTRACT

This article addresses language development in childhood, considering Howard Gardner's theory of multiple intelligences and Daniel Goleman's approach to emotional intelligence. The methodology used is a qualitative bibliographic review, which examines relevant studies and works to understand the interaction between different forms of language and multiple intelligences in childhood. Gardner's theory proposes that children have different types of intelligence, including linguistic, logical-mathematical, spatial, musical, bodily-kinesthetic, interpersonal, intrapersonal, and naturalistic. In turn, Goleman highlights the importance of emotional intelligence in the global development of children, emphasizing skills such as self-knowledge, self-regulation, empathy and social skills. The literature review reveals the relevance of promoting an educational environment that stimulates all forms of language, recognizing and valuing children's different intelligences. It is concluded that a holistic and integrated approach to language development in childhood can promote more meaningful learning and greater personal and social fulfillment.

Keywords: Language development; Multiple intelligences; Emotional intelligence; Childhood.



1 INTRODUÇÃO

A linguagem na infância é um instrumento valioso que o professor pode contar a fim de proporcionar ao aluno conhecimento sobre o próprio mundo em que ele está inserido, pois é através de uma boa reflexão que o aluno vai passar a entender o quanto é importante ter conhecimento sobre a leitura e a escrita (AGUIAR, 2001).

Durante a infância as crianças estão mais propícias a desenvolver hábitos que poderão estar presentes no decorrer de sua vida. Por isso, é de fundamental importância que seja estimulado na criança o gosto pela leitura e escrita, pois somente despertando o prazer da mesma pelos livros é que teremos leitores críticos, conhecedores do mundo que os cercam. A pesquisa como um todo, apresenta como objetivo geral mostrar a importância da prática da leitura e escrita, os desafios e possibilidades do seu ensino no Ensino Fundamental e, como elas ocorrem e se desenvolvem no meio educacional (KRUG, 2015).

Nos dias de hoje, observa-se que são vários os meios pelos quais a leitura e a escrita como instrumentos de linguagem vêm sendo deixadas de lado, entre eles estão a televisão, redes sociais, jogos eletrônicos e internet, que servem como distração e criam um abismo entre as pessoas e os livros. Não é à toa que muitos jovens hoje escrevem mal, tudo isso pelo fato de não serem incentivados desde pequenos a terem o hábito de ler.

Essa é uma realidade preocupante, visto que a origem do problema se encontra na infância, onde o processo de estímulo não foi desenvolvido nesses jovens. Sendo assim, acredita-se que quanto mais a leitura e a escrita forem incentivadas, mais pessoas estarão aptas a serem mais conhecedoras de si mesmas, com mais ânsia de aprender cada vez mais. Logo, o incentivo à leitura e à escrita é algo que precisa ser levado em discussão, sendo observado com bastante atenção.

O estágio da infância é concebido como um período crucial na formação de pessoas em diferentes tipos de desenvolvimento, físico, emocional, social e intelectual. Nesse sentido, a escola deveria acompanhar paralelamente essas necessidades, essas demandas sociais, através de modelos e teorias de aprendizagem, estratégias, abordagens e recursos que favoreçam o desenvolvimento dessas capacidades nos alunos (GOLEMAN, 2003).

O sistema educacional deveria ser capaz de fornecer treinamento destinado ao desenvolvimento de conhecimentos que permitam às pessoas dar sentido às coisas, entender, fazer julgamentos, analisar como elas funcionam, incentivar a observação, curiosidade, bom senso e criatividade. Klemann e Nunes (2015) destacam a necessidade de aprender a cooperar e o domínio de idiomas para permitir aos cidadãos maior mobilidade trabalhista e cultural. Em suma, é necessário preparar uma sociedade capaz de funcionar em um mundo em constante mudança, resolver problemas e lidar com a rapidez das informações.

Em toda essa estrutura, o desenvolvimento da linguagem com base na teoria das inteligências múltiplas proposta por Gardner (1995) se configura como um paradigma emergente no campo do ensino e



da aprendizagem, que poderia ser uma alternativa para atender às necessidades planejadas para o processo de ensino-aprendizagem na educação Infantil. Esse novo paradigma é, portanto, concebido como um modelo alternativo nessa etapa, mas também adequado para todo o ensino obrigatório, devido ao grande valor pedagógico que tem adquirido nos últimos anos.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O desenvolvimento das linguagens na infância pode ser abordado pela Teoria das Inteligências Múltiplas (TIM). Dessa forma, os seguintes tipos de inteligências passaram por todos os critérios estabelecidos por Gardner e atenderam a todos os requisitos para pertencer a esta tabela. Inicialmente, havia sete inteligências. Somente em 1999, Gardner acrescentou o oitavo porque, após vários estudos, atendeu aos requisitos. As inteligências mencionadas abaixo serão definidas e, no final, serão mencionados alguns níveis de especialistas que eles podem alcançar em seu desenvolvimento ideal, ou o que Gardner (1995) chama de estados terminais de inteligência. Note que eles não estão em ordem de importância.

2.1 INTELIGÊNCIA VERBAL - LINGÜÍSTICA

Está relacionada à capacidade de lidar com a língua materna ou outras línguas, a fim de comunicar e expressar o pensamento de alguém, dando ao mundo um significado, através da linguagem. É a capacidade de entender, usar e manipular palavras escritas ou faladas de forma produtiva. Essa inteligência inclui a capacidade de manipular a sintaxe ou estrutura da linguagem, a fonologia ou os sons da linguagem, a semântica ou o significado da linguagem e as dimensões pragmáticas ou usos práticos da linguagem. São as pessoas que percebem seus pensamentos em palavras, gostam de escrever e ler, além de serem excelentes oradores e intérpretes da língua. Como um nível especialista definível dessa inteligência, alguns exemplos podem ser mencionados, como: poetas, escritores, palestrantes, políticos e emissoras (GARDNER, 2001).

2.2 INTELIGÊNCIA LÓGICA - MATEMÁTICA

É a capacidade de usar números corretamente e raciocinar. Essa inteligência inclui sensibilidade a padrões lógicos, relacionamentos, declarações, proposições, funções e outros conceitos abstratos. A base para todas as formas lógico-matemáticas de inteligência é inerente ao manuseio de objetos. No entanto, alguns processos podem ser realizados mentalmente. Os tipos de processos usados no serviço de inteligência lógico-matemática incluem categorização, classificação, inferência, generalização, cálculo e teste de hipóteses (GARDNER, 2001).

É atribuído a pessoas que procuram padrões, realizam cálculos mentais e classificam objetos. Juntamente com a inteligência verbal-lingüística, a inteligência lógico-matemática ocupou um lugar importante na sociedade. De fato, os testes de quociente de inteligência (QI) são responsáveis por medir o



desempenho das pessoas nessas duas áreas. No entanto, Gardner (1983) ressalta que é muito mais pertinente pensar que a habilidade lógico-matemática é parte de um conjunto de inteligências: uma habilidade poderosamente preparada para lidar com certos tipos de problemas, mas, de maneira alguma superior. Para as outras inteligências, como um nível especialista definível dessa inteligência, podem ser mencionados matemáticos, cientistas, filósofos, contadores, programadores de computador e lógicos.

2.3 INTELIGÊNCIA MUSICAL

É a capacidade de apreciar, distinguir, compor e apresentar de várias formas musicais. Essa inteligência inclui sensibilidade a ritmos, melodias e tons de uma peça musical. A precocidade musical pode ser demonstrada como resultado de ser exposta às instruções deles em uma qualidade superior, ou se, por exemplo, nascer em uma família de músicos. Nesse caso, pode haver herança genética, mas o meio influencia muito. Como no caso da linguagem, a destreza musical pode ser alcançada em grande medida com a mera exploração e exploração do canal auditivo oral. Portanto, essa música deve ser considerada como um domínio intelectual autônomo (GARDNER, 2001).

Essa é uma das inteligências que mais críticos receberam dos cientistas; eles assumem que a habilidade musical é um talento e não uma inteligência. Em resposta a essas críticas, Gardner (1995) responde com evidências de que a inteligência musical excede os oito critérios estabelecidos e com a frase popular: “Tudo bem, vamos chamar de talento. Mas, então, temos que deixar a palavra inteligente fora de todas as discussões sobre as habilidades humanas”. Gardner (1995) ressalta que a música pode servir como uma maneira de capturar sentimentos, conhecimentos sobre sentimentos ou conhecimentos sobre as formas de se comunicá-las do artista, do criador ou do ouvinte atento. São as pessoas que pensam sobre música o tempo todo, compõem e identificam os elementos musicais, apreciam a música ou tocam algum instrumento musical. Como um nível especialista definível dessa inteligência, você pode mencionar músicos, cantores, compositores, críticos de música, fãs de música e diretores de música (CORREA, 2010).

2.4 CORPORAL-CINESTÉSICA

É a capacidade de resolver problemas ou produzir produtos usando o corpo ou partes dele. É a inteligência do movimento, expressão e linguagem corporal. As competências desse tipo de inteligência são o manuseio adequado dos objetos e a realização de trabalhos manuais, para realizar atividades detalhadas e de pequenas dimensões. Algumas habilidades distintas de inteligência corporal que podem ser mencionadas são: coordenação, equilíbrio, força, destreza, flexibilidade e velocidade (GARDNER, 2001).

Isso é mostrado em pessoas que podem realizar tarefas usando as mãos ou outras partes do corpo, praticar um esporte ou expressar seus sentimentos através de um canal que usa o movimento do corpo.



Alguns níveis de especialistas definíveis dessa inteligência são: palhaços, dançarinos, artistas, atores, atletas, inventores, escultores, mecânicos, cirurgiões e artesãos de Bali.

2.5 INTELIGÊNCIA VISUAL-ESPACIAL

Essa inteligência é geralmente medida em conjunto com a inteligência verbal-linguística e a inteligência lógico-matemática no teste de quociente de inteligência (QI). A inteligência visual do espaço é a capacidade de formar um modelo mental de um mundo espacial e de manobrar e operar usando esse modelo. Essa inteligência envolve sensibilidade à cor, linha, forma, forma, espaço e os relacionamentos existentes entre esses elementos (GARDNER, 2001).

Anteriormente, Thurstone havia dividido a capacidade espacial em três componentes: a capacidade de reconhecer um objeto, mesmo se visto de diferentes ângulos, a capacidade de imaginar o movimento interno entre as partes de uma configuração e a capacidade de pensar em relações espaciais, em que a orientação física do observador é uma parte essencial do problema. Com base nisso, Gardner testou a inteligência visual espacial, que, conseqüentemente, os excedeu. Nos seres humanos, a inteligência está relacionada à observação do mundo visual e cresce diretamente a partir dele. A inteligência visual-espacial se distingue nas pessoas que observam o mundo em três dimensões, são excelentes usando mapas e fazendo diagramas mentais. Além disso, pode ser encontrado em pessoas que fazem uso do *design* e da pintura como meio de expressão. Como um nível especialista definível dessa inteligência, caçadores, guias, decoradores de interiores, arquitetos, artistas ou inventores podem ser mencionados.

2.6 INTELIGÊNCIA INTRAPESSOAL

A combinação de inteligência interpessoal com inteligência intrapessoal é chamada inteligência emocional. A inteligência intrapessoal é uma capacidade correlativa, mas orientada para o interior. É a capacidade de formar um modelo firme e verdadeiro de si mesmo e ser capaz de usá-lo para funcionar efetivamente na vida (GARDNER, 2001).

Anteriormente, o psicólogo Sigmund Freud havia expressado que a chave para a saúde era a autoconsciência e a vontade de enfrentar as inevitáveis dores e paradoxos da existência humana. É por isso que é importante conhecer a si mesmo. Dessa forma, você pode saber, ao mesmo tempo, que controla nossas emoções e a maneira como reagimos a diferentes situações da vida cotidiana. Algumas habilidades que a inteligência intrapessoal contém são: autoconhecimento, autoestima e capacidade de automotivação. Os indivíduos dotados dessa inteligência tendem a saber o que podem fazer ou não e como reagir em momentos negativos, para que não afetem negativamente sua vida. Essa inteligência contém a capacidade de autodisciplina e autocompreensão. Isso ajuda as pessoas a tomar decisões eficientes e razoáveis em suas vidas. Alguns especialistas nessa inteligência são: líderes religiosos, filósofos e pessoas espirituais.



2.7 INTELIGÊNCIA INTERPESSOAL

Inteligência interpessoal é a capacidade de entender outras pessoas: o que as motiva, como elas trabalham e como trabalhar com elas de forma cooperativa. Gardner (1995), enfatizou a importância do relacionamento com outras pessoas como forma de alcançar objetivos, obter progresso e conhecer a si mesmo.

A inteligência interpessoal não depende da linguagem, mas da capacidade de identificar os sentimentos e as situações dos outros. Com isso, é possível que uma pessoa identifique expressões faciais, tons de voz, gestos, intenções, motivações e sentimentos. Quando se desenvolve essa inteligência, o indivíduo tem a capacidade de melhorar a comunicação e, portanto, um bom relacionamento com os outros no ambiente em que a pessoa está cercada. Por esse motivo, situações de conflito e desacordo podem ser aprimoradas com eficiência, de modo que, demonstrando empatia, o problema pode ser impedido de subir para um nível descontrolado. Alguns exemplos de nível de especialista definível desta inteligência são: vendedores, políticos, professores, clínicos gerais e líderes religiosos.

2.8 INTELIGÊNCIA NATURALISTA

Gardner (2001) e os membros de sua equipe de colaboradores e os seguidores da Teoria das Inteligências Múltiplas (TIM) apontam que "novas inteligências" podem ser identificadas e que atendem aos critérios descritos acima; na verdade, eles admitiram o naturalista como mais uma inteligência.

A inteligência naturalista foi a última inteligência adicionada por Gardner (1995). Ele define como a capacidade de apreciar, categorizar, classificar, explicar e conectar as coisas da vida cotidiana com a natureza. É a capacidade de distinguir entre seres vivos, sejam plantas ou animais. Esse tipo de inteligência está presente em pessoas que sabem observar a natureza, classificam elementos do ambiente e usam esse conhecimento produtivamente (TEIXEIRA et al., 2017).

Atualmente, não se sabe onde no cérebro essa inteligência ocorre. No entanto, após testes árduos e resultados bem-sucedidos em termos de avaliação com base nos oito critérios de determinação da inteligência, a inteligência naturalista entrou totalmente no grupo de inteligência, juntamente com os outros sete. Como nível especialista, pode-se mencionar o desenvolvimento da inteligência naturalista: agricultores, paisagistas, jardineiros, botânicos, zoólogos e geógrafos (TEIXEIRA et al., 2017).

2.9 INTELIGÊNCIA EXISTENCIAL COMO UMA INTELIGÊNCIA POSSÍVEL

Como discutido anteriormente, as inteligências não são definidas, portanto, há espaço para mais inteligências, desde que atendam aos critérios estabelecidos. Existem possíveis adições às TIM, pois atendem a alguns desses critérios. É o caso da inteligência existencial, da qual Gardner (1995, 2001) escreveu que poderia ser a nona inteligência.



Gardner (2001) define inteligência existencial como a capacidade de buscar significados e questões da vida cotidiana, sob um ponto de vista diferente. É a capacidade de se localizar em relação aos pontos mais longínquos do cosmos e a capacidade de se concentrar nas características existenciais da condição humana, como o significado da vida, o significado da morte, o destino do mundo físico e psicológico, assim como experiências profundas, como o amor a outra pessoa ou a imersão total em uma obra artística. Ele se concentra nas seguintes perguntas: quem somos e o que estamos tentando alcançar? E o que será de nós, o que nos tornaremos? É a preocupação com os problemas da vida. É importante enfatizar que o objetivo dessa inteligência não é promover religião, espiritualidade ou qualquer sistema de crenças. No entanto, ainda está em testes para saber se será descartado ou adicionado à lista de inteligências da TIM.

3 MATERIAIS E MÉTODOS

As metodologias utilizadas no desenvolvimento do estudo foram a pesquisa bibliográfica, que busca retratar a realidade de forma completa e profunda. A pesquisa também foi realizada pelo levantamento de informações através de livros e sites de buscas. A pesquisa bibliográfica consiste na reunião de informações e dados que servirão de base para a construção da investigação proposta.

Por ser parte integrante do estudo, a pesquisa qualitativa também se faz presente, pois é um foco no caráter subjetivo do objeto analisado, estudando as suas particularidades e experiências individuais, por exemplo. Para Minayo (2001) “a pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis”. Portanto, a pesquisa qualitativa é uma metodologia de caráter exploratório. Seu foco está no caráter subjetivo do objeto analisado.

Para a elaboração do trabalho foi realizada uma pesquisa bibliográfica qualitativa e descritiva, baseada principalmente em livros de diversos autores da área de Pedagogia com ênfase em Linguagens e Inteligência Múltipla como, por exemplo, Gardner (1995, 2001), Wallon (1996), Almeida et al. (2009), Silver, Strong e Perini (2010), entre outros. Foi realizado também um levantamento de informações sobre o tema em revistas, artigos, documentos, relatórios, periódicos, entre outras fontes de pesquisa. Foram utilizados os seguintes descritores: linguagem; inteligências múltiplas; neurociência; desenvolvimento infantil; ensino-aprendizagem.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A leitura e a linguagem são compreendidas também como atividades sociais em que as pessoas entram em contato com os mais diversos eventos linguísticos, tanto orais quanto escritos, presentes no cotidiano. Desde o início de nossas atividades diárias até o fim precisa-se do ato de ler. Num simples ato



de fazer uma compra em um estabelecimento comercial ou apanhar um ônibus em uma rua é algo complicado se não dominarmos o mundo letrado (GUIDETTI, MARTINELLI, 2007).

Percebe-se que na escola, o gosto pela leitura é antecedido pelo prazer da escrita, evoluindo para uma atitude de curiosidade leitora diante da vida. Por isso é importante procurar despertar na criança desde cedo, o prazer pela leitura, sendo de uma simples forma, como contar uma história infantil, através da literatura infantil, faz com que ela ganhe desde muito cedo, curiosidade para ler e entender o mundo. Quem lê ganha maiores chances de avanço na vida pessoal e social. Pois no momento que o aluno consegue ter certo domínio com as letras é porque construiu habilidades suficientes, domínio e o entendimento de certas palavras, frases, conhecimentos de símbolos, etc (CAPELLINI, CONRADO, 2009).

Diante do exposto percebe-se que a escola tem tido dificuldades para tornar os conteúdos escolares interessantes pelo seu significado intrínseco. É necessário que o currículo seja planejado e desenvolvido de modo que os alunos possam sentir prazer na leitura de um livro, na identificação do jogo de sombra e luz de uma pintura, na beleza da paisagem, na preparação de um trabalho sobre a descoberta da luz elétrica, na pesquisa sobre os vestígios históricos do homem, estranhamento antes as expressões de injustiça social e de agressão ao meio ambiente. (BRASIL, 2010).

A ampliação dos conceitos ligados à linguagem, estimula o aluno a construir ações e habilidades necessárias após os estágios de desenvolvimento, isso, pode demandar tempos e esforços diferenciados, dependendo assim da faixa etária da criança (AGUIAR, 2001).

Assim, analisando a etapa do ensino fundamental menor, na qual o aluno está construindo os primeiros conceitos ligados à leitura e escrita, o aluno enfrenta um mundo cheio de palavras, frases, histórias e é nesta fase ainda que o mesmo participa desse universo sua realidade e é mais entendida (KRUG, 2015).

Os Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNs, (1997) declaram que é bom observar a preocupação sobre o que se ensina dentro da escola referente às práticas da leitura e escrita. Não se deve negar a importância que os textos trazem aos alunos a partir de uma reflexão crítica e imaginativa.

Haja visto que o processo de ensino, segundo esta diretriz, salienta que a escola deve se livrar de certos mitos de que exista uma forma correta de falar e também de como se escreve, pois, essas duas crenças produzem uma prática de mutilação cultural, uma vez que desvaloriza o que o aluno sabe tanto no escrever quanto ler. Diante da conquista alfabética nada garante ao aluno a possibilidade de compreender e produzir textos em linguagem escrita (GUIDETTI, MARTINELLI, 2007).

Sendo assim as instituições educacionais devem propiciar ao aluno condições de desenvolver a capacidade de aprender, como define a Lei nº 9.394/96, em seu artigo 32, mas com prazer e gosto, tornando suas atividades desafiadoras, atraentes e divertidas. Isso vale tanto para a base nacional comum como para a parte diversificada. Esta última, por estar voltada para aspectos e interesses regionais e locais, pode incluir



a abordagem de temas que proporcionem aos estudantes maior compreensão e interesse pela realidade em que vivem (BRASIL, 2010).

Apesar disso, acredita-se que a escrita não se dá só no meio de rabiscos, pode ser de desenhos livres que contam algo relacionado a eles ou não. A escrita não pode ser considerada como parte desvinculada da leitura, pois por meio da leitura vamos construindo uma intimidade muito grande com a escrita, internalizando suas estruturas e possibilidades. Pois, mesmo aquelas pessoas que não dominam os códigos escritos da escrita, conseguem extrair um significado dos mais variados gêneros que as rodeiam (CAPELLINI, CONRADO, 2009).

Nota-se que a leitura e a escrita, ambas são essenciais no dia a dia do ser humano, sendo assim, é fundamental que desde muito pequenas, as crianças sejam colocadas em contato com elas. Mas o que vem ser leitura e escrita? A leitura é a ação de ler algo, é o hábito de ler. É uma palavra que deriva do latim “*lectura*”, originalmente com o significado de “eleição, escolha, leitura”. Também designa por leitura a obra ou texto que se lê. A leitura é a forma como se interpreta um conjunto de informações presentes em um livro, uma notícia de jornal etc. ou um determinado acontecimento, é uma interpretação pessoal. O hábito de leitura é uma prática extremamente importante para desenvolver o raciocínio, o senso crítico e a capacidade de interpretação (AGUIAR, 2001).

Portanto, assim como a palavra leitura, a escrita deriva do latim “*scriptura*”, que é a ação e o efeito de escrever, representar as palavras ou as ideias com letras ou outros sinais traçados em papel ou em outra superfície. Em outro sentido, trata-se do sistema de sinais convencionais utilizado para escrever, por exemplo, a escrita alfabética. Sendo assim, leitura e escrita estão interligadas, dependendo uma da outra para um melhor desenvolvimento do ser humano (GUIDETTI, MARTINELLI, 2007).

Sendo assim, apropriar-se da leitura e da escrita, ou seja, aprender a ler e escrever, é sem dúvida o maior desafio que todas as crianças inseridas nos primeiros anos escolares, sobretudo na alfabetização, enfrentam. Isso ocorre porque o mundo em que vivemos é totalmente dominado por informações escritas. Para tanto, a criança deve vencer esse desafio desenvolvendo tais habilidades consideradas o primeiro passo para todo o indivíduo que frequenta a escola, para que venha a ser mais tarde um cidadão livre e independente em suas decisões.

A técnica de aquisição da leitura e escrita não é tarefa fácil, por isso quanto mais cedo a criança entrar em contato com elas melhor será seu aprendizado, pois esse processo não ocorre da mesma forma para todas as crianças, e, dependendo da maneira como o processo de ensino é orientado, pode ocasionar dificuldades na aprendizagem de modo geral. Dessa forma, quando é apresentada ao mundo da leitura e escrita, a criança precisa receber total apoio para que tal prática se concretize, uma vez que, a participação dos adultos durante esta fase de compreensão e conhecimento da leitura e escrita é extremamente importante, pois é a partir das expressões e práticas do cotidiano que a criança realiza o entendimento desse



universo desconhecido. Portanto, cabe aos pais contribuírem para que esse processo seja satisfatório (KRUG, 2015).

Quando a criança é inserida na escola, ela passa a ser orientada pelo professor, que através de suas práticas pedagógicas apresenta a elas o mundo das palavras, portanto, cabe a ele criar situações e gerar incentivos para que a prática da leitura seja efetivada na escola. O professor juntamente com a escola precisam formular projetos que insiram a criança em sua própria realidade, despertando interesse e a curiosidade por tal prática (AGUIAR, 2001).

Para Mendonça (2009, p. 19):

O ensino da leitura e escrita está ligado à alfabetização. Compreende-se o ensino de alfabetização como um processo complexo e árduo que exige uma metodologia eficaz e que contribua com o processo de aprendizagem do aluno. Neste sentido, o uso do método sociolinguístico justifica-se pelo fato de que essa metodologia ao focar a escrita e o conhecimento de mundo trabalha com a realidade do aluno permitindo com que ele por meio da codificação e da decodificação desenvolva sua consciência crítica.

O autor nos explica que a prática de alfabetização é complexa, e exige da escola e dos professores um trabalho voltado para a realidade do aluno fazendo com que o mesmo exponha sua própria opinião. O desenvolvimento de boas metodologias pelos professores, pode contribuir significativamente para que o processo de ensino aprendizagem dos alunos alcance resultados positivos.

A leitura e escrita não devem ser apenas um meio de entender sílabas e realizar palavras, mas devem ser sim uma forma de desenvolver um hábito, transformando as crianças em leitoras assíduas, que gostem e saibam ler e escrever corretamente, pois o aprendizado não é regido através de imposição. Dessa forma, a leitura e escrita devem ser concebidas com procedimentos básicos indispensáveis ao ensino-aprendizagem de maneira que integre todas as disciplinas sem restrições aos diferentes níveis de escolaridade (KRUG, 2015).

A leitura provoca no indivíduo o ato de pensar, imaginar, investigar, deduzir, supor, criar e recriar suas ideias e seu estilo de vida, sendo as diversidades de leituras que possibilitam uma nova postura, pois ela suscita a crítica, nos faz conhecedores, e é justamente o conhecimento que possibilita mudar a realidade. Mais que isso, ela promove novos saberes no encontro entre o leitor e o texto. É o leitor que dá voz ao texto.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (2001, p. 54):

“Formar um leitor competente supõe formar alguém que compreenda o que lê, que possa aprender a ler também o que não está escrito, identificando elementos implícitos, que estabeleça relações entre o texto que lê e outros textos já lidos; que saiba que vários sentidos podem ser atribuídos a um texto.”



Dessa forma, o que nos esclarece os PCNs é que uma leitura de qualidade representa a oportunidade de ampliar a visão de mundo. Por isso, torna-se indispensável que a escola desenvolva atividades num contexto no qual o aluno sinta-se à vontade em desenvolver suas habilidades.

Muitos adultos que são alfabetizados ou que leem apenas mecanicamente, sem conseguir compreender e integrar um texto mais complexo, como já mencionado, fica mais difícil esperar interesse pela leitura de uma criança que nasce nesse contexto, visto que, essa criança não vê seus principais modelos como pai e mãe lendo. Por esse motivo, o papel da escola nesse contexto torna-se mais importante e complexo. É preciso mostrar desde cedo às crianças como desenvolver e utilizar as capacidades de leitura que um leitor competente possui.

O ato de ler e escrever proporciona a descoberta de um mundo totalmente novo e fascinante. Contudo, a sua apresentação à criança deve ser feita de forma atrativa, estabelecendo uma visão prazerosa sobre a mesma, de modo que se torne um hábito contínuo. A leitura desenvolve a capacidade intelectual do indivíduo devendo fazer parte de seu cotidiano, desenvolvendo a criatividade e a sua relação com o meio em que vive.

A leitura provoca na criança desejo de descobrir novos contextos. É lendo que a criança viaja por lugares até então desconhecidos, descobre verdadeiros empíreos e interage com diferentes culturas, contudo, observa-se hoje que nas escolas, os textos são lidos apenas para responder questões previamente elaboradas, que chamamos de compreensão textual, não há preocupação em levar o aluno a refletir mais profundamente sobre o texto lido (KRUG, 2015).

Lerner (2002, p. 38), afirma que “ensinar a ler e escrever configura-se como um vasto dilema que ultrapassa amplamente a alfabetização em sentido estrito”. Conforme a autora, a escrita é uma herança cultural, porém o ato de ler e escrever na escola não são uma atividade apreciada pelos alunos.

Sendo assim, é importante compreender que o desenvolvimento da língua oral e escrita permeia todo processo da construção do conhecimento da criança. A leitura vista como instrumento de mudança sociocultural, coloca sobre a escola a responsabilidade de facilitar o acesso da mesma às crianças. Ao analisar os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa, ao se referir ao Projeto Pedagógico, assim propõe: “Um projeto educativo comprometido com a democratização social e cultural atribui à escola a função e a responsabilidade de garantir a todos os seus alunos o acesso aos saberes linguísticos necessários para o exercício da cidadania, direito inalienável de todos”. (PCNs, 1997, p. 15)..

Sendo assim, definir as estratégias de leitura como um conjunto de ações exercidas pelo leitor durante a leitura. A compreensão de um texto começa a ser construída antes da leitura. As estratégias de leitura são aspectos importantes para o desenvolvimento da compreensão. Ao utilizar esses aspectos, o educando poderá ter um entendimento mais eficaz dos textos.

Para Kleimam (2007, p. 49):



“Quando falamos de estratégias de leitura, estamos falando de operações regulares para abordar o texto. Essas estratégias podem ser inferidas a partir da compreensão do texto, que por sua vez é inferida a partir do comportamento verbal do leitor, isto é, do tipo de respostas que ela dá a perguntas sobre o texto, dos resumos que ele faz, de suas paráfrases, como também da maneira como que ele manipula o objeto: se sublinha, se apenas folheia, sem deter em parte alguma, se passa os olhos rapidamente e espera a próxima atividade começar, se relê.”

Baseando-se nas leituras, notou-se que no dia a dia o ser humano depara-se com imagens, fotografias, propagandas, anúncios, documentos, rótulos, placas de rua, revistas, livros, entre outros. Somos leitores em quase todos os momentos, e estamos em interação com algum tipo de leitura. Apesar disso, ainda têm muitos alunos que apresentam dificuldades em compreender um texto.

Vygotsky (1987), afirma que “O professor tem um papel fundamental no desenvolvimento do indivíduo, é ele que deve ser mediador na construção da compreensão textual do aluno, proporcionando situações aos educandos que levem ao desenvolvimento de estratégias de leitura”. Dessa forma, se o professor trabalhar em sala de aula com algumas estratégias de leitura, ele poderá ajudar os alunos a compreender melhor os textos apresentados a eles. Mas o que são estratégias de leitura? Nada mais são do que técnicas ou métodos que os leitores usam para adquirir a informação, ou ainda procedimentos ou atividades escolhidas para facilitar o processo de compreensão da leitura.

Portanto, a leitura se compõe como um avanço na busca pelo conhecimento e o saber. Acredita-se que um melhor aprimoramento da leitura durante o processo de alfabetização é através de construção de conceitos, para isso ele deve ter uma diversidade de textos. Nesse sentido é necessário que o mesmo tenha acesso a uma diversidade de textos. É preciso aproximá-los do mundo da escrita por meio de diferentes tipos de textos: ênfase nos textos e imagens de revistas em quadrinhos, jornais, livros didáticos, dentre outras.

No processo de aprendizagem da leitura e escrita, a criança se depara com um mundo cheio de atrações, sejam elas as palavras, textos e as histórias; e se engajam neste universo muito mais facilmente se puder participar integralmente dele. Por isso a importância de a criança ingressar na escola ainda na educação infantil.

De acordo com Nina (1999) “a organização preceptor - motora e o aprendizado da leitura e escrita em classe de alfabetização, apontam para necessidade, desde o ensino pré-escolar, de serem oferecidas as atividades motoras direcionadas para o fortalecimento e consolidação das funções psicomotoras, fundamentais para o êxito das atividades de leitura e escrita”. Assim, avalia-se que a alfabetização é a fase inicial de letramento da criança. É importante ressaltar que a leitura é atividade fundamental para o desenvolvimento e formação de qualquer indivíduo dentro e fora da escola, por toda a vida, uma vez que o domínio da leitura facilitará o crescimento intelectual, pois acredita-se que:



“Ensinar a escrever textos torna-se uma tarefa muito difícil fora do convívio com textos verdadeiros, com leitores e escritores verdadeiros e com situações de comunicações que os tornem necessários. Todo texto pertence a um determinado gênero com uma forma própria, que se pode aprender. Quando entram na escola, os textos que circulam socialmente cumprem um papel modalizador, servindo como fonte de referência repertório textual, suporte de atividade intertextual. Diversidade textual que existe fora da escola pode e deve estar a serviço da expansão do conhecimento letrado do aluno”. (PCN/2001).

Deste modo, esta realidade é o inverso do que entende-se na grande maioria das nossas escolas públicas. Atualmente verifica-se que grande parte das escolas do país apresenta ainda dificuldade em colocar em prática novas atividades que contribuam para aperfeiçoar a prática da leitura entre os alunos. Essa realidade contribui para que o ensino da leitura se torne monótono e rotineiro, tornando-se algo que o aluno não aprecie ou desconheça.

É fundamental que a escola esteja voltada para um ensino da língua escrita que contemple a descoberta e a recriação da mesma, especialmente para atingir aquelas crianças que nascem e crescem em um ambiente familiar e social com níveis baixos ou quase nulos de escolaridade.

Nesse sentido, convém acrescentar que é fundamental a exploração de novos métodos de aperfeiçoamento da leitura e da escrita durante o processo de alfabetização, dentre eles está a prática de contar histórias, reescrevendo a leitura que os alunos ouvem e leem. Sejam elas no ciclo infantil ou no fundamental.

Neste sentido, é importante ressaltar que a leitura é atividade fundamental para o desenvolvimento e formação de qualquer indivíduo dentro e fora da escola e por toda vida. O domínio ou não da leitura facilitará o crescimento intelectual do ser humano.

Neste sentido a escola estaria cumprindo seu papel que é fazer com que os alunos aprendam a ler e escrever corretamente, pois a aquisição da leitura e a escrita são imprescindíveis para agirem com autonomia nas sociedades letradas, caso contrário, os mesmos estariam sujeitos a sofrer as consequências que uma pessoa enfrenta quando não faz parte do mundo dos letrados.

A infância é o período mais adequado para haver maior concentração e preocupação no desenvolvimento da leitura, pois é necessário que se mostre à criança o que precisa ser construído, para que ela possa ter um desenvolvimento da leitura apropriada dentro de sua idade escolar. Aqui o adulto leitor experiente tem a função de tornar possível a aprendizagem desta atividade. Então, para melhor promover a criança no mundo letrado, é necessário considerar a definição de leitura conforme o PCNEF:

“A leitura é uma prática social que envolve atitudes, gestos e habilidades que são mobilizados pelo, tanto, no ato da leitura em si, como no que antecede este período, ou seja, o processo de alfabetização.” (BRASIL, Pró-letramento p.40).



Cagliari (1998) afirma que a leitura é uma atividade essencialmente ligada à escrita, e como há vários tipos de escrita, assim também haverá os correspondentes tipos de leitura, compreendendo todo o processo de aprendizagem, e que o princípio se inicia no instante do nosso nascimento.

O ato de ler não está necessariamente ligado ao poder aquisitivo do cidadão, mas a uma necessidade do ser humano de se comunicar de maneira correta e necessária às suas práticas sociais. Vale ressaltar que os processos de desenvolvimento e aprendizagem de leitura dos alunos na escola dependem de inúmeros fatores. Um deles é o desenvolvimento dos processos psicomotores. Este é utilizado ainda na fase de alfabetização, pois acredita-se que esse processo é primordial para que se obtenha sucesso na sociedade atual (LERNER, 2002).

Através da leitura as crianças podem desenvolver algumas capacidades importantes como atenção, imitação, interação, imaginação dentre outros. Isso mostra que somente o desenvolvimento da capacidade de ler e escrever com clareza, pelas crianças não garante uma habilidade por completa como a facilidade de entender pequenos textos já nas séries iniciais, pois estas competências são adquiridas ao longo do processo de alfabetização, desde a educação infantil, período onde as crianças ainda estão se apropriando de habilidades físicas e motoras. Então, acredita-se que quanto mais cedo for apresentada à criança, maior a chance de ela torna-se um adulto leitor.

É necessário que os educadores proporcionem aos educandos histórias nas quais eles possam identificar algo de sua própria realidade, favorecendo assim uma ligação entre o texto e sua realidade, permitindo que o leitor realize uma interpretação coerente do que lê. A prática da leitura deve ser inserida no contexto escolar, de maneira que o professor atribua uma real importância a ela, procurando meios que possibilitem à criança desenvolver o gosto pela leitura.

Os procedimentos de ensino mais dinâmicos e inovadores, como a exploração de leitura de figuras, símbolos, teatro, podem se tornar algo diferente e atraente para o aluno. Aquela prática de giz e conteúdo na lousa já caiu no senso comum. O professor deve ser tornar um facilitador da aprendizagem dos alunos. É importante destacar que a questão da formação docente é um dos principais entraves a uma prática educativa de qualidade, especialmente no que se refere ao ensino da leitura. Entende-se que, ainda que todos os quesitos ideais a uma prática de ensino da leitura fossem efetivados na escola, seria indispensável à presença de professores leitores, que sentissem prazer em ler, que fossem bem informados e capacitados para tal prática (LERNER, 2002).

Entende-se que a prática docente como trabalho humano, e por isso, deve ser construída por sujeitos inseridos em um espaço histórico e socialmente localizado. Neste sentido torna-se essencial compreender o trabalho como uma dimensão fundamental na vida humana, capaz de transformar qualitativamente o meio, tanto em seus aspectos objetivos como subjetivos.



5 CONCLUSÃO

Para a formação do indivíduo, a prática da leitura é essencial. Vivemos em uma sociedade onde a leitura e a escrita fazem parte das práticas sociais. Nesse sentido, o letramento é tido como algo indispensável para desenvolver a comunicação, o pensamento crítico, a capacidade de compreender diversas perspectivas, bem como a interpretação do mundo e da realidade que nos cerca.

A leitura tem papel indispensável no processo educacional, pois a partir dela é possível interpretar e compreender conceitos de diversas disciplinas. Percebe-se que a escola, depois da família, possui papel relevante como incentivadora dessa prática. Na escola é possível ampliar e sistematizar o processo iniciado no ambiente familiar e despertar o gosto pela leitura. O professor assume um papel importante nesse processo. Vale ressaltar que a família e a escola devem se conscientizar de suas responsabilidades com o processo de leitura dos filhos/alunos.

Pais que leem e que estimulam os filhos a terem o hábito e o gosto pela leitura, estão formando cidadãos preparados e letrados para enfrentar qualquer desafio que a vida lhes oferecer.

A escrita, assim como a leitura desempenha um papel fundamental na formação do indivíduo. É por meio da escrita que contribuímos para a evolução humana do conhecimento, através do registro das informações que vão estabelecendo a construção do conhecimento.

Considera-se ler e escrever como habilidades essenciais para que o ser humano possa se inserir nas diversas situações requeridas pela sociedade moderna, seja no nível pessoal, no ambiente de trabalho, como consumidor, como leitor, entre inúmeras outras atividades. Portanto, ler e escrever precisam fazer parte do dia a dia dos alunos como algo prazeroso e agradável.

Contudo, através de observações e pesquisas realizadas por estudiosos da área da educação, constata-se que tais práticas estão ficando em segundo plano na vida dos alunos, não havendo interesse por parte da maioria. Mesmo com todo o esforço realizado pela escola para despertar no educando o gosto e o hábito de ler e escrever, tais ações não têm surtido muito efeito. Diante dessa realidade, a escola e a família precisam se unir com o objetivo de desenvolver atividades que aguçam o gosto pela prática da leitura bem como levá-los a conhecerem a importância da escrita na nossa sociedade.

O desenvolvimento do presente estudo colocou-nos frente a grandes desafios, porém foram esses desafios que nos deram forças para alcançarmos os objetivos traçados. A linguagem está intimamente ligada à leitura e à escrita, pois se o aluno desenvolver uma boa leitura, terá uma boa bagagem para a escrita e saberá se expressar de forma clara. É o bom hábito de leitura que transforma o ser humano em escritores que conhecem as palavras e as colocam em prática para a evolução da sociedade.



REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Vera Teixeira de. Era uma vez... na escola: formando educadores para formar leitores. Belo Horizonte: Formato Editorial, 2001.
- ALMEIDA, L. S. et al. Inteligências múltiplas de Gardner: É possível pensar a inteligência sem um factor?.. Psychologica, n. 50, p. 41-55, 2009.
- BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, 1974.
- BRASIL. Ministério da Educação. Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa. Brasília: SEED: 1999.
- BRASIL, Leis e Decretos. Constituição da República Federativa do Brasil. São Paulo (1988).
- CAGLIARI, Luiz Carlos. A respeito de alguns fatos do ensino e da aprendizagem da leitura e da escrita pelas crianças na alfabetização. Alfabetização e letramento: perspectivas linguísticas. ROJO, R.(Org.), Campinas: Mercado das Letras, 1998.
- CAPELLINI, Simone Aparecida; CONRADO, T. L. B. C. Desempenho de escolares com e sem dificuldades de aprendizagem de ensino particular em habilidade fonológica, nomeação rápida, leitura e escrita. Rev Cefac, v. 11, n. 2, p. 183-93, 2009.
- GARDNER, Howard. Estruturas da mente: a Teoria das Múltiplas Inteligências. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994. Publicado originalmente em inglês com o título: The framsofthemind: theTheoryofMultipleIntelligences, em 1983.
- GARDNER, H. Inteligências Múltiplas – A Teoria na Prática. Porto Alegre: Editora Artes Médicas,1995.
- GARDNER, H. Inteligência: um conceito reformulado. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- GIL, Antônio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- GOLEMAN, D. Inteligência Emocional. 12ª Edição. Temas editoriais. Lisboa. 2003.
- GUIMARÃES, C. M.; GARMS, G. M. Z. Currículo para a educação e o cuidado da criança de 0 a 5 anos?. Revista de Educação PUC-Campinas, v. 18, n. 1, p. 19-35, 2013.
- GUIDETTI, Andréia Arruda; MARTINELLI, Selma de Cássia. Compreensão em leitura e desempenho em escrita de crianças do ensino fundamental. Psic: revista da Vetor Editora, v. 8, n. 2, p. 175-184, 2007.
- KLEMANN, A. P.; NUNES, J. M. Educação infantil na trilha das múltiplas inteligências: uma proposta de construção do conhecimento a partir de salas ambiente. Amazônia: Revista de Educação em Ciências e Matemáticas, v. 12, n. 23, p. 44-57, 2015.
- KLEIMAN, Ângela. Leitura: ensino e pesquisa. São Paulo: Pontes, 2007.
- KRUG, Flavia Susana. A importância da leitura na formação do leitor. REI–Revista de educação do IDEAU, v. 10, n. 22, 2015.



LERNER, Délia. Ler e escrever na escola: o real, o possível e o necessário. Porto Alegre: Artmed, 2002.

MENDONÇA, O. S. Alfabetização método sociolinguístico: consciência social silábica e alfabética em Paulo Freire. 3ª Ed. São Paulo: Cortez, 2009.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Pesquisa Social: teoria, método e criatividade. 19ª ed. 2001.

NASCIMENTO, T. A. S. BARBOSA, M. L. A influência da escola e da família no estímulo à leitura na Educação Infantil. Volume 1. Recife, 2006.

TEIXEIRA, Edival Sebastião. A questão da periodização do desenvolvimento psicológico em Wallon e em Vigotski: alguns aspectos de duas teorias. Educação e pesquisa, v. 29, n. 2, p. 235-248, 2003.

TEIXEIRA, Hebert et al. A inteligência naturalista e a educação em espaços não formais: um novo caminho para uma educação científica. Revista Areté| Revista Amazônica de Ensino de Ciências, v. 5, n. 9, p. 55-66, 2017.

WALLON, H. Psicologia infantil. Madrid: Gráfica Rógar. Navacarnero, 1996.